

# Comunicação e religiosidade: reflexões sobre cibercultura, racismo religioso e sociedade

Caio Mário Guimarães Alcântara

*Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tiradentes (UNIT/PPED), professor dos cursos de Comunicação Social da Universidade Tiradentes (UNIT) e integrante do Grupo de Pesquisa em Educação, Comunicação e Sociedade (GECES/CNPq).*

*E-mail: caiogmalcantara@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3176-3409>.*

Ronaldo Nunes Linhares

*Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), professor titular nível II do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tiradentes (UNIT/PPED) e da Rede Pública Estadual de Ensino de Sergipe, coordenador do Grupo de Pesquisa em Educação, Comunicação e Sociedade (GECES/CNPq).*

*E-mail: ronaldo\_linhares@unit.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3400-4910>.*

**Resumo:** Na cibercultura, pensar a comunicação é fundamental para compreender a sociedade e, no Brasil, um tópico importante é também a questão religiosa. Dada a capacidade formativa das mídias é imprescindível compreender como ela trata de temas como o racismo religioso. Assim, este artigo analisa publicações feitas em onze perfis de terreiros de candomblé sergipanos no Instagram, em paralelo com a cobertura jornalística feita pelos dois maiores canais de televisão locais. O estudo, construído a partir de uma Análise de Conteúdo apontou a falta de estímulo ao debate sobre racismo religioso, em ambos os meios, o que reduz a possibilidade de contribuição deles na formação social.

**Palavras-chave:** cibercultura; comunicação; racismo; religiosidade; sociedade.

**Abstract:** In cyberculture, reflecting on communication is fundamental to understand society, and in Brazil, an important topic is also the religious issue. Given the formative capacity of the media, it is essential to understand how it deals with issues such as religious prejudice. Thus, this article analyzes publications made on eleven profiles of candomblé temples in Sergipe in Instagram, in parallel with the journalistic coverage made by the two largest local television channels. The study, constructed from a Content Analysis, pointed out the lack of stimulation for the debate on religious prejudice, in both media, which reduces the possibility of their contribution to social formation.

**Keywords:** cyberculture; communication; racism; religiosity; society.

**Recebido: 02/08/2024**

**Aprovado: 02/04/2025**

## 1. INTRODUÇÃO

Numa sociedade com forte mediação das tecnologias digitais de informação e comunicação, imersa no contexto do semiocapitalismo<sup>1</sup>, no qual os signos comunicacionais se tornam os grandes propulsores da economia, considerando-se ainda a conexão generalizada<sup>2</sup> que permeia as práticas sociais na cibercultura, essas tecnologias exercem forte influência nas relações sociais. Nesse ínterim, a utilização das mídias e seus efeitos sobre as relações humanas emergem como tópicos centrais, não sendo possível excluir temas como as religiões e a religiosidade dessa discussão, em especial, se considerado que esses são tópicos que lastreiam a formação cultural e social do Brasil.

A colonização do Brasil foi marcada pela religiosidade cristã, notadamente pelo catolicismo<sup>3</sup>. A centralidade do cristianismo nesse processo legitimou a violência contra povos, suprimindo suas línguas e liturgias, especialmente as de matriz africana. Essas culturas foram demonizadas consolidando a intolerância e o racismo religioso, que ainda persistem numa sociedade em que mais de 90% da população afirma ser cristã<sup>4</sup>.

Percebe-se um fenômeno preocupante: o aumento de casos de racismo religioso, aqui entendido como “prática intencional [...] de impedir, obstar, rechaçar, contestar, vedar, proibir e ofender mediante o discurso racista”<sup>5</sup>. O racismo religioso surge e se fortalece a partir do racismo estrutural que é intrínseco à sociedade brasileira e que se manifesta nas relações de poder<sup>6</sup> desde a colonização, momento histórico no qual a população escravizada era pensada apenas como elemento útil ao funcionamento da economia<sup>7</sup>.

Nesse movimento, o racismo adentrou em diversos campos da vida social, fortalecendo uma necropolítica<sup>8</sup> sistêmica que repeliu os ritos de matriz africana a condições de inferioridade, violência e maldade. Religiões como o candomblé são, assim, entendidas como práticas que se opõem ao ideal cristão de sociedade, validando uma cultura opressora que atinge os candomblecistas com exclusão e agressões, fazendo com que os índices de violência subam de forma exponencial com o passar dos anos<sup>9</sup>.

Há, portanto, uma urgência no exame de possibilidades de enfrentamento ao racismo religioso, tendo as mídias um papel importante nessa discussão. Devido ao seu caráter formador e facilitador na construção de debates públicos, à constância desses dispositivos comunicacionais no cotidiano das pessoas em contextos de cibercultura e à potencialidade de incentivo a uma formação cultural mais inclusiva, a mídia deve ser chamada ao centro da discussão.

Assim, este artigo se propõe a analisar publicações feitas em redes sociais, notadamente onze perfis de terreiros de candomblé sergipanos no Instagram, em paralelo com a cobertura jornalística feita pelos dois maiores canais de televisão locais. O estudo, construído a partir da metodologia da Análise de Conteúdo<sup>10,11</sup>, apontou a falta de estímulo ao debate sobre intolerância e racismo religioso em ambos os meios, o que reduz a possibilidade de contribuição dessas na formação social.

1. BERARDI, Franco. **Depois do futuro**. São Paulo: Ubu, 2019.

2. LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010, p. 45.

3. HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

4. IBGE. **Censo demográfico 2010**: características da população e dos domicílios. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=793>. Acesso em: 27 maio 2025.

5. COSTA NETO, Antonio Gomes da. Racismo religioso: diálogos de um conceito. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v. 16, n. 7, p. 5.323-5.342, 2023. p. 5326. <https://doi.org/10.55905/revconv.16n.7-009>

6. BERSANI, Humberto. Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. **Revista Extraprensa**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 175-196, 2018. <https://doi.org/10.11606/extraprensa2018.148025>

7. FERNANDES, Nathália Vince Esgalha. Racismo estrutural e religioso contra povos e comunidades tradicionais de terreiro durante a pandemia do COVID-19. **Revista Calundu**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 19-35, 2023. <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v6i2.46422>

8. MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, 2016. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2025.

Diante desses achados, torna-se visível a necessidade de incentivar grupos sociais a utilizarem os espaços midiáticos de forma mais engajada, considerando estes enquanto espaços formativos da cibercultura. Além disso, é essencial que se promova o fortalecimento das redes de educação para e com as mídias, com vista a uma formação que contribua para que os sujeitos sejam mais ativos e autônomos na promoção de conexões e mudanças sociais por meio da comunicação.

## 2. MÍDIA E RELIGIOSIDADE: BREVE DEBATE CONCEITUAL

Dissociar comunicação e cultura é uma tarefa desafiadora em sociedades nas quais esses elementos são entrelaçados, permeando campos como a política, a economia e a educação. Essa conexão se faz tão consolidada que se entende o desenvolvimento dela como uma das formas de compreender a trajetória histórica das sociedades<sup>12</sup>.

A relação entre mídia e cultura pode também ser visualizada a partir do olhar sobre as mediações<sup>13</sup>, que tem foco nos efeitos dos dispositivos da comunicação sobre os modos de ser dos sujeitos. Neste campo, as mídias passam a ser concebidas como instituições que lastreiam as formações de identidades nacionais, conferindo aos grupos o que Jacks e Schmitz<sup>14</sup> chamaram de “espessura cultural”.

A influência da comunicação e, por conseguinte, da mídia nos processos de subjetivação é de notório conhecimento. Desde autores como Martín-Barbero<sup>15</sup>, que pensa o fenômeno a partir das mediações, até autores como Thompson<sup>16</sup>, que foca sua análise na responsabilidade objetiva da mídia na modelagem das interações entre sujeitos e o mundo, o interesse em compreender os efeitos dos meios de comunicação nos sujeitos e nas interações socioculturais é claro.

Esse interesse/mediado se intensifica no contexto das culturas digitais, com autores como Jenkins<sup>17</sup>, apontando para a consolidação da cultura convergente enquanto um contexto de mudanças sociais impactadas por alterações nas intersecções entre mídia e cultura, e Lemos<sup>18</sup> que defende o estabelecimento da cibercultura como uma nova organização que nasce da simbiose entre as telecomunicações e a informática. Nesse cenário, as mídias não apenas servem como meio de interação ou formação<sup>19</sup>, mas se caracterizam como dispositivos que alcançam até mesmo o campo do acesso aos direitos de cada cidadão<sup>20</sup>, atuando enquanto dispositivos pedagógicos que ensinam “modos de ser e estar na cultura”<sup>21</sup>.

Ainda no campo conceitual, destaca-se o papel simbólico de relevo da mídia nas sociedades por serem meios importantes de troca de sentido e de reprodução simbólica<sup>22</sup>. Há ainda de se considerar a mídia enquanto sistema responsável pela formação dos grandes debates públicos que compuseram a cultura ocidental e que está em constante processo de alteração de formatos, linguagens e narrativas<sup>23</sup>. Nesse sentido, a comunicação pode ser caracterizada

9. BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania. **No Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, MDHC reforça canal de denúncias e compromisso com promoção da liberdade religiosa**. Brasília: MDHC, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/janeiro/no-dia-nacional-de-combate-a-intolerancia-religiosa-mdhc-reforca-canal-de-denuncias-e-compromisso-com-promocao-da-liberdade-religiosa>. Acesso em: 1 ago. 2024.

10. BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

11. SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Administração Pública, 2021.

12. BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

13. MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

14. JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela. Os meios em Martín-Barbero: antes e depois das mediações. **MATRIZES**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 115-130, 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p115-130>

15. MARTÍN-BARBERO, 2009.

16. THOMPSON, John Brookshire. A interação mediada na era digital. **MATRIZES**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 14-44, 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i3p17-44>

17. JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

18. LEMOS, André. **Ciber-cultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2023.

19. MCQUAIL, Denis. **McQuail's Mass Communication Theory**. London: Sage Publications, 2000.

20. GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.

21. FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico de mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Em foco**: Educação e Sociedade Midiática, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002. p. 153. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100011>

22. BERARDI, *op. cit.*

23. SAMPAIO; LYCARIÃO, *op. cit.*

24. GARCÍA CANCLINI, *op. cit.*

25. VIALLE, Wilton do Lago. **Candomblé de Keto ou Alaketo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

26. BENISTE, José. **Òrun-Àiyé**: o encontro de dois mundos: o sistema de relacionamento nagô-yorubá entre o céu e a Terra. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

27. KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

28. ALMEIDA, Sílvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

29. BELTRÃO, Luiz. **Folk-comunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: edipucrs, 2014.

30. FREITAS, Ricardo Oliveira de. **Candomblé e mídia**: breve histórico da tecnologia das religiões afro-brasileiras nos e pelos meios de comunicação. **Acervo**, Rio de Janeiro, v.

como um elemento central da cultura do ocidente e no contexto brasileiro, desempenha um papel crucial nos movimentos políticos, sociais e econômicos.

García Canclini<sup>24</sup> destaca a influência que a mídia tem em processos culturais dos mais diversificados campos, sendo fundamental considerar o impacto dela em questões históricas como, por exemplo, a constituição da sociedade brasileira a partir do modelo colonial aqui adotado. A ação comunicacional, que no Brasil embasou o debate religioso, também desempenha um papel significativo, especialmente no que respeita ao racismo religioso.

O candomblé, religião nascida no Brasil a partir da hibridização de diferentes cultos africanos, enfrenta não apenas o preconceito histórico relacionado com a escravidão, mas também uma divergência filosófica em relação ao cristianismo predominante na cultura brasileira<sup>25,26</sup>. Essa divergência contribui para a exclusão e, em muitos casos, para a violência física contra os praticantes do candomblé, configurando-se como racismo religioso<sup>27,28</sup>.

Os meios de comunicação desempenham um papel fundamental na disseminação de informação e na mudança de contextos sociais de racismo e preconceito, mas, historicamente, a mídia brasileira esteve alinhada a um quadro hegemônico associado ao poder econômico e político<sup>29</sup>, mantendo padrões de representação da religião ligados ao grotesco ou pitoresco desde registros da década de 1930<sup>30</sup>.

Assim, torna-se necessário repensar a mídia como um espaço de debate público no contexto religioso, especialmente em relação ao candomblé, pensando também os efeitos da cibercultura no acesso aos dispositivos de comunicação, aproximando ainda mais indivíduos tópicos que corroboram com o entendimento sobre como as questões de cultura, religiosidade e mídia se configuram atualmente no Brasil, visando uma formação social mais ampla e que combata o racismo religioso.

### 3. DESENHO METODOLÓGICO: O PERCURSO DA PESQUISA

As discussões acerca dos contextos aqui descritos levaram à configuração da pesquisa, de cariz qualitativa<sup>31</sup>, que considerou uma análise de publicações feitas em redes sociais, notadamente onze perfis de terreiros de candomblé sergipanos no Instagram. Esses perfis foram selecionados como amostra aleatória e, em paralelo, foi também considerada a cobertura jornalística feita pelos dois maiores canais de televisão locais, a TV Sergipe<sup>32</sup> e a TV Atalaia<sup>33</sup>, únicos a disponibilizar a íntegra dos conteúdos exibidos na programação na internet.

A escolha por cruzar os dados obtidos em redes sociais e nos canais de televisão se justifica pelo fato de serem hoje, as duas mídias mais utilizadas pela população brasileira, o que contribui com uma visão mais assertiva sobre os hábitos e comportamentos do brasileiro em termos de consumo midiático. Toda a análise considerou produtos que versam sobre questões de intolerância

e racismo religioso, bem como temas correlatos, publicados entre janeiro e dezembro de 2023.

O estudo baseou-se no método da Análise de Conteúdo de Bardin<sup>34</sup>, que busca uma compreensão de significados e padrões em um conjunto de dados, com adaptações propostas por Sampaio e Lycarião<sup>35</sup> para uma melhor construção de inferências sobre os elementos estudados. Os autores propõem uma análise baseada não apenas em categorias, mas em códigos de análise que as compõem. Assim, foi proposta a construção de uma análise que se vale da definição de códigos que compõem as categorias de análise, criando-se assim uma relação de interdependência entre ambos os elementos da análise.

Em termos metodológicos, a opção por uma Análise de Conteúdo se justifica pela natureza da pesquisa, focada em estudar elementos da comunicação. O desenho metodológico do estudo considerou integrar o método clássico a novas abordagens, aliando a pesquisa a uma concepção multirreferenciada que, apoiada em Macedo<sup>36</sup>, propõe um olhar plural partindo de uma perspectiva epistemológica centrada na subjetividade do pesquisador. Isso trouxe vantagens, como a possibilidade de um olhar mais apurado para questões mais técnicas da comunicação em relação às unidades de análise.

Tendo em consideração as três etapas da Análise de Conteúdo e os processos de codificação que embasaram o desenho metodológico, foi desenvolvida a rubrica de análise abaixo disposta, constituída de: a) categoria de análise, a dimensão em que estão enquadrados os códigos de análise aplicados para descrição e reflexão; e b) código de análise, o conteúdo do que foi verificado em cada unidade de análise.

### Quadro 1: Relação categoria vs. código

Categoria de análise	Código de análise
1) Abordagem	1.1) Temporalidade: período em que a unidade de análise foi publicada
	1.2) Periodicidade: frequência com que a unidade de análise é repercutida ou referenciada
	1.3) Enquadramento: editoria e da unidade de análise
	1.4) Conclusões: o que foi inferido na narrativa
2) Linguagem e narrativa	2.1) Termos: termos, palavras e expressões que são utilizadas na unidade de análise
	2.2) Tema: refere-se ao tema em específico discutido em cada unidade de análise
	2.3) Personagens: descrição das reflexões construídas a partir das personagens que aparecem nas unidades de análise

16, n. 2, p. 63-87, 2003. Disponível em: <https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/148>. Acesso em: 2 ago. 2024.

31. BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 2012.

32. Emissora fundada em 1971 e que integra o Grupo Sergipe de Comunicação. Atualmente, opera como afiliada em Sergipe da Rede Globo de Televisão, sendo líder de audiência em diferentes faixas de horário.

33. Emissora fundada em 1972 e que hoje é parte do Sistema Atalaia de Comunicação. Opera como afiliada da Rede Record em Sergipe e tem, em sua grade, programas que são líderes de audiência em diferentes faixas de exibição.

34. BARDIN, *op. cit.*

35. SAMPAIO; LYCARIÃO, *op. cit.*

36. MACEDO, Roberto Sidney. **A etnopesquisa implicada**: pertencimento, criação de saberes e afirmação. Brasília: Liber Livro, 2012.

37. Luislinda Valois é uma jurista, desembargadora aposentada do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia (TJBA) e ex-ministra dos Direitos Humanos do Brasil (2017-2018). É considerada pioneira em ações de combate ao racismo religioso no Poder Judiciário Brasileiro.

38. GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da USP, 2011.

Categoria de análise	Código de análise
3) Recursos de imagem	3.1) Cores: cores utilizadas em recursos imagéticos da unidade de análise
	3.2) Elementos gráficos: recursos que integram a unidade de análise
	3.3) Espaços: constituição dos espaços em que as unidades de análise são retratadas
4) Interação (categoria direcionada exclusivamente às redes sociais)	4.1) Teor: conteúdo dos comentários feitos às publicações analisadas
	4.2) Debate: eventuais debates ou trocas de conteúdos feitos nas publicações

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

As categorias e os códigos foram criados *a priori*, com base em leituras prévias sobre o tema. As categorias propostas, aliadas aos códigos de análise, contribuem com uma visão ampliada sobre as unidades analisadas, permitindo reflexões sobre a constituição da gramática técnico-comunicacional dos conteúdos exibidos na televisão e publicados nas redes sociais. Com essa sistematização foi possível debruçar-se sobre o corpus que concentra as unidades de análise. Essas foram colhidas entre os meses de fevereiro e março de 2024 e constituem um total de onze conteúdos televisivos e quinze posts no Instagram.

#### 4. AS MÍDIAS E O DEBATE DO RACISMO RELIGIOSO EM SERGIPE

Os resultados apontam para o fato de que apesar da diferença de público entre as redes sociais e a televisão, com este último atingindo um público mais amplo e as redes sociais concentrando seguidores mais específicos, como adeptos da religião, constatou-se uma falta de estímulo ao debate sobre intolerância e racismo religioso em ambos os meios.

Na programação televisiva, os conteúdos se concentram em torno de três datas significativas: o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, a celebração de Iemanjá e o Dia da Consciência Negra. Essas datas são de grande importância para a religiosidade do Candomblé, pois estão relacionadas com a reflexão sobre questões de identidade, afirmação e intolerância.

Além das datas mencionadas, há apenas um registro relacionado com a cobertura de violência urbana, retratada como intolerância religiosa, mas que descreve um roubo realizado dentro de uma Igreja no interior do estado de Sergipe. A configuração do *corpus* contendo as unidades de análise da televisão está disposta no Quadro 2.

**Quadro 2: Configuração das matérias publicadas na TV**

Unidade de análise	Data	Emissora	Tipo	Descrição
1	19/01	TV Atalaia	Reportagem	Relato de uma invasão a uma Igreja no município de Laranjeiras
2	20/01	TV Sergipe	Entrevista ao Vivo	Entrevista em estúdio com professor da Universidade Federal de Sergipe discutindo a legislação sobre intolerância religiosa
3	20/01	TV Sergipe	Reportagem	Reportagem exibida às vésperas do Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, conceituando o que é a intolerância e o racismo religioso, com relatos de adeptos do candomblé
4	01/02	TV Sergipe	Entrevista ao Vivo	Entrevista com organizadores do “Cortejo de lemanjá” para convite à população
5	02/02	TV Atalaia	Reportagem	Relato da retomada do “Cortejo de lemanjá” após a pandemia da covid-19
6	02/02	Tv Atalaia	Nota Coberta	Nota mostrando a realização do “Cortejo de lemanjá”
7	02/02	TV Sergipe	Entrevista ao Vivo	Entrevista em frente à Igreja Matriz da cidade de Nossa Senhora do Socorro com lalorixá organizadora da lavagem das escadarias do templo
8	20/11	TV Sergipe	Entrevista ao Vivo	Entrevista em estúdio com professor da Universidade Federal de Sergipe sobre as questões referentes ao racismo
9	20/11	TV Atalaia	Entrevista	Entrevista com Luislinda Valois <sup>37</sup>
10	20/11	TV Atalaia	Nota Coberta	Nota mostrando imagens da palestra de Luislinda Valois
11	21/11	TV Atalaia	Reportagem	Relato da realização de uma peça de teatro, desenvolvida por alunos e professores de uma escola da Rede Estadual de Ensino em alusão ao Dia da Consciência Negra

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

A amostra indica que, com exceção da unidade de análise 1, que foge ao escopo proposto do estudo, as demais unidades apresentam-se como registros feitos em datas de celebração ou conscientização. As abordagens são predominantemente jornalísticas, geralmente num tom de cobertura factual, embora haja exceções: as unidades de análise 2, 3, 7, 9 e 11, que contribuem de maneira mais significativa para a análise em questão.

A unidade de análise 2 traz reflexões embasadas em pesquisas e em análises da legislação brasileira relacionadas com a violência, a intolerância e o racismo religioso. No conteúdo, defende-se a ideia de que, apesar da ocorrência de diversas leis que abordam a intolerância, ainda não há ações efetivas que garantam a liberdade religiosa no Brasil. Esse é o ponto reforçado pelo conteúdo da unidade de análise 3, que utiliza diferentes narrativas e resgata histórias que evidenciam a realidade de violência e exclusão enfrentada pelas comunidades de terreiro.

Essa realidade é exemplificada de forma contundente nas unidades de análise 7 e 9. Tanto na entrevista em que foi explicada a ritualística da festividade, quanto na discussão sobre a vida da magistrada, o cerne do debate foram

39. JENKINS, *op. cit.*40. LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

as histórias de vida das entrevistadas, destacando as experiências de violência e exclusão enfrentadas. Na unidade 7 o foco recai sobre as adversidades relacionadas com a religião, enquanto na unidade 9 as questões de racismo são o ponto central.

Outro exemplo relevante de utilização da mídia para promover discussões encontra-se na unidade de análise 11. Embora a reportagem tenha sido veiculada no Dia da Consciência Negra, ela abordou questões que extrapolam essa data com temas como educação e religiosidade. Ao narrar a ação dos professores e estudantes de utilizar as artes cênicas para contar a história da chegada dos escravizados ao Brasil, o conteúdo abordou temas como militância, políticas públicas e a transformação de vidas por meio do conhecimento e da informação.

Além das análises específicas, percebe-se ao olhar os conteúdos da televisão uma escassez de reflexão sobre os assuntos abordados, exceto nas unidades de análise 3, 7 e 11, nas quais os apresentadores dos programas jornalísticos proporcionam uma breve ampliação dos debates. Geralmente com um tom de indignação, eles enfatizam a importância de se discutir a violência e o racismo na sociedade, sem aprofundar o tema ou discutir dados e encaminhamentos. Todo o conteúdo fica no campo da opinião.

Há, contudo, um caso que merece atenção presente na unidade de análise 9. Todo o enfoque foi dado à entrevista com a personalidade Luislinda Valois, que em sua totalidade durou quatorze minutos. Entretanto, menos de cinco minutos desse tempo foram dedicados à fala da entrevistada, sendo o restante do tempo ocupado pela apresentadora do telejornal, que interveio com comentários ao longo da exibição da entrevista que, por não ser ao vivo, era interrompida. Em cada interrupção a apresentadora explicava o teor da fala da magistrada, fazendo adendos de opiniões pessoais sobre o tema discutido.

A opção editorial reflete a ideia defendida por García Canclini<sup>38</sup>, de que mídias não se preocupam com a preservação ou o fortalecimento das tradições, mas sim em atender às expectativas do mercado de consumidor, buscando a popularidade de seus conteúdos. Nesse caso, o destaque dado pela mídia não está centrado na fala da entrevistada, mas sim na figura da apresentadora do telejornal, que representa a linha editorial e, ideologicamente, defende os interesses do canal e dos anunciantes frente ao público. As demais unidades de análise representam notas cobertas com registro de festas ou links para convite à população, que duram entre trinta segundos e um minuto.

A escassez de discussões e pouca profundidade nas abordagens é também observada nas redes sociais, em especial se verificada a proporção de posts dedicados às discussões sobre racismo religioso em relação ao número total de posts nos onze perfis analisados no Instagram. Em 2023, esses perfis juntos publicaram um total de 464 posts no *feed* (a análise não considerou os *stories*), mas apenas quatorze publicações abordaram os temas relacionados com o foco deste estudo, sendo que as interações dos seguidores são baixas, sem relação com o tema ou ainda inexistentes.

Quando verificados comentários, eles geralmente representam menos de 1% do total de seguidores e quase sempre são comentários de elogios, feitos por meio de emojis, sem suscitar discussões ou reflexões. Ressalta-se que o Instagram inibiu a visualização do total de curtidas pelos seguidores, ficando o acesso a esse número restrito apenas aos administradores de cada perfil.

Assim como na televisão, as produções nas redes sociais também se concentram em materiais alusivos às datas 21 de janeiro e 20 de novembro, com algumas variações e sem registro de discussões ou debates em comentários. O *corpus* obtido nas redes sociais está disposto no Quadro 3.

### Quadro 3: Configuração das publicações no Instagram

Unidade de análise	Perfil	Descrição	Nível de interação
12	Axé Bamirê Obá Fanidê @oficial.axebamire_obafabide	Foto do Babalorixá discursando em evento público sobre a concessão de imunidade tributária a terreiros de candomblé.	Baixo. 20 comentários, sendo 17 com emojis e somente falas, todas elogiando o Babalorixá.
13	Abassá São Jorge @abassasaojorgee	Vídeo de 15 segundos com imagens de uma celebração no Abassá e um <i>lettering</i> sobre o dia 21 de março.	Bom volume de visualizações, um total de 7.277, mas pouca interação em comentários, sendo estas apenas 13, todas homenageando a lalorixá.
14	Filhos de Obá @filhosdeoba	Post em formato carrossel composto por uma foto e um vídeo: foto de uma representante do terreiro abraçada com uma parlamentar (Deputada Estadual) no plenário da Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe (Alese), seguido de um vídeo com representantes do terreiro cantando e dançando músicas litúrgicas nas instalações da Alese.	Baixo. Apenas sete comentários, sendo seis deles emojis e um comentário elogiando a beleza física da parlamentar e da representante do terreiro.
15	Filhos de Obá @filhosdeoba	Foto filhos e representantes do terreiro, vestidos com trajes litúrgicos, abraçados no plenário da Câmara Municipal de Vereadores do Município de Laranjeiras. A legenda explica que eles estiveram presentes na sessão de votação dos projetos de Lei que instituíram o Dia Municipal das Religiões de Matriz Africanas e a Semana da Consciência Negra no Município.	Baixo, apenas quatro comentários de emojis com palmas.
16	Filhos de Obá @filhosdeoba	Card sobre o Dia da Consciência Negra, foto de uma omorisá, trajada com roupas litúrgicas e um texto.	Baixo, apenas sete comentários com emojis.
17	Ilê Asê Ofá Omí @_ofaomi_	Card sobre o Dia Nacional das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas composto por uma foto de um omorisá com um balaio de flores à beira do rio.	Baixo, apenas quatro comentários, sendo exaltado o trabalho do terreiro em divulgar a data e outro falando sobre a importância da data enquanto momento de memória, de luta e combate ao racismo religioso e dois comentários emojis.

Unidade de análise	Perfil	Descrição	Nível de interação
18	Ilè Asè Alarokê Ajagunan @alaroke_	Print da Lei nº 14.519/23, que institui o dia 21 de março como Dia Nacional das Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé. O post é acompanhado por uma legenda curta, explicando o que é a lei.	Baixo. Há apenas seis comentários, sendo cinco com emojis e um falando sobre a importância da composição de políticas públicas nesse campo.
19	Ilè Asè Alarokê Ajagunan @alaroke_	Foto de membros da Egbé reunidos em uma praia, com texto falando do Dia Nacional das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé.	Baixo. Foram registrados 11 comentários, sendo oito com emojis e três com elogios ao terreiro.
20	Ilè Asè Alarokê Ajagunan @alaroke_	Vídeo descrevendo a participação do terreiro numa sessão da Alese na qual se discutiu o racismo e a intolerância religiosa. Há o registro da leitura pública de um poema.	Baixo, apenas 15 comentários.
21	Ilè Asè Alarokê Ajagunan @alaroke_	Foto de membros da Egbé, num espaço aberto, conversando de forma descontraída com um pequeno texto falando sobre liberdade religiosa.	Baixo, apenas dois comentários, um com emoji e outro elogiando a beleza física dos filhos do terreiro.
22	Ilè Asè Alarokê Ajagunan @alaroke_	Foto de membros da Egbé, num espaço aberto, conversando de forma descontraída com um pequeno texto falando sobre o Dia da Consciência Negra.	Baixo, no total foram seis comentários sendo três com emojis e três com menção à data.
23	Ilè Asè Odé Kilambodê @yleaxeodekilambode	Não foram encontradas unidades de análise que se enquadrem no escopo do estudo.	Não se aplica.
24	Egbé Ofá Oluá Ibú @axeofaoluabio	Não foram encontradas unidades de análise que se enquadrem no escopo do estudo.	Não se aplica.
25	Ilè Asè Ofaderewá @ofaderewa	Vídeos com compilado de fotos de festas e pessoas no terreiro, com <i>lettering</i> escrito "Dia da Consciência Negra - 20 de novembro".	Baixo. Foram 15 comentários, sendo 14 com emojis e um com elogios à beleza dos filhos do terreiro.
26	Ilè Asè Yaaparalomin @yaaparalomin	Post em formato carrossel, com dois vídeos e duas fotos referentes à participação da lalorixá numa sessão da Câmara de Vereadores de Nossa Senhora do Socorro sobre intolerância religiosa.	Baixo. Foram registrados 16 comentários, sendo 14 com emojis e dois com discussões sobre a temática.
27	Ilè Asè Omin Dandá Onirê @ileaxeomindandaonire	Card com montagem em alusão ao dia 21 de março, "Dia das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas".	Inexistente. Não houve comentários.
28	Ilè Asè Rundè Onyssewé @ile_ase_runde_onyssewe	Não foram encontradas unidades de análise que se enquadrem no escopo do estudo.	Não se aplica.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

No contexto do *corpus* composto pelas publicações no Instagram, destacam-se três pontos significativos. Primeiramente, é notável a pouca interatividade. Os *posts* que abordam questões relacionadas com o preconceito, a intolerância e assuntos correlatos recebem, em média, menos de 1% de respostas

e comentários. Embora essa escassez possa ser atribuída às peculiaridades do algoritmo e distribuição da plataforma, há outro aspecto a ser considerado. Os poucos comentários registrados não refletem opiniões críticas nem promovem debates construtivos, consistem quase exclusivamente em emojis.

Além disso, é perceptível a subutilização de algumas das características essenciais da produção cultural no contexto da cibercultura, dentre as quais o estabelecimento de redes e a interconexão<sup>39</sup>. Nos perfis analisados não foram identificadas parcerias, interações entre comunidades ou mobilização para participação em eventos com transmissão ao vivo. Mesmo em situações em que vários terreiros estiveram envolvidos numa mesma atividade, como nas unidades de análise 14 e 20, a mobilização foi retratada de maneira isolada em cada perfil, sem referência à participação de outros terreiros.

Essas ações merecem destaque e reflexão. A análise dos dados revela um certo esforço por parte do poder público para promover debates e leis que incentivem a integração das comunidades à sociedade e combatam a intolerância religiosa. Foram identificadas cinco instâncias desse tipo de mobilização, destacando-se as unidades de análise 12, 14, 15, 20 e 26. Isso pode indicar um avanço na agenda dessas questões, ganhando relevância na sociedade, mas a partir do que se encontra em termos de interação e debate público, ressalta-se que ainda há muito a ser compreendido e fomentado pelos próprios grupos.

Assim como nas análises provenientes da televisão, os dados das redes sociais indicam um maior volume de publicações em torno das datas comemorativas importantes para essas comunidades. Essas datas foram tema de nove publicações, as quais incluíram fotos e vídeos. O que pode ser compreendido com este resultado é a pouca mobilização por meio das redes e escassez de autonomia do usuário: ele apenas responde ao que é postado, sem tomar a frente no debate e sem questionar o que é posto, características que são base nos processos de construção das redes e das inteligências coletivas, que também caracterizam a comunicação na cibercultura<sup>40</sup>.

Essas percepções são ratificadas numa leitura geral dos códigos de análise propostos que possibilita a compreensão de como o tema aqui discutido aparece nas unidades. A primeira categoria está relacionada com quatro códigos, todos voltados à compreensão da abordagem de cada produto. Os resultados apontam que as discussões eram esparsas e sem frequência, no caso da televisão, quase sempre retratadas em editoriais genéricas, como a de cidade. Os tópicos discutidos estavam, exclusivamente, direcionados às datas comemorativas, sem contribuir com a efetividade dos debates acerca do tema aqui discutido.

No que respeita à linguagem e à narrativa, elementos que compõem a segunda categoria de análise, é perceptível uma similaridade no conteúdo. Todos tratam as questões concernentes à intolerância e ao racismo religioso com linguagem semelhante, sem que haja diferenciação entre a forma como o conteúdo está posto na televisão e na internet. Com relação aos personagens utilizados nas narrativas, percebe-se o alinhamento com as pautas, pois todos

estão em contextos litúrgicos ou com roupas comuns aos ritos ou ainda se mostram como adeptos do candomblé.

Os elementos gráficos podem ser analisados em duas perspectivas. Na televisão eles são subutilizados. Com exceção da unidade de análise 3, nenhum material lança mão de gráficos, tabelas ou textos em tela para reforçar mensagens ou ampliar a discussão. São mostradas apenas tarjas de identificação próprias de cada telejornal. Também não é percebida uma relevância a este quesito nos materiais do Instagram. Há pouca utilização de recursos gráficos e quando feita, geralmente são títulos que remetem às datas em que o material é postado. Por fim, os códigos direcionados à análise das interações não possibilitam grandes inferências. Conforme já descrito, não foram verificadas interações em termos de debates, relatos ou discussões.

Esse panorama sugere uma subutilização das mídias em suas eventuais capacidades formativas, especialmente no que respeita ao ambiente online, o qual oferece espaço para debates amplos e profundos e essa percepção argumenta a necessidade de se incentivar um uso mais crítico da mídia, certamente com a inserção dela nos espaços e momentos de educação formal, informal e não-formal.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado proporcionou compreender a relação entre mídia, religiosidade e intolerância religiosa no contexto da cibercultura, lançando um olhar mais específico para a configuração dos debates sobre a temática na mídia de Sergipe, bem como sobre a utilização do Instagram por perfis de terreiros e adeptos do candomblé no estado. Nesse sentido, traçou também um panorama sobre o entendimento de uma comunidade sobre o potencial da mídia, demonstrando não haver empoderamento dos sujeitos nesse âmbito.

Os resultados aqui dispostos apontam para uma lacuna na promoção da discussão sobre as questões sobre identidade, religiosidade e racismo tanto nos meios de comunicação tradicionais, dentre as quais a televisão, quanto nas redes sociais, especialmente no Instagram.

Embora se tenha constatado uma maior abordagem de temas relacionados com a intolerância e o racismo religioso em datas comemorativas importantes, ainda há uma escassez de reflexão e debate sobre os temas, em especial entre os membros da própria comunidade dos adeptos do candomblé.

Além disso, observou-se uma baixa interatividade nas redes sociais, com poucos comentários e interações que promovam debates construtivos. A subutilização das características da cibercultura, como o estabelecimento de redes e interconexão, também foi evidenciada, sugerindo um potencial não explorado para a promoção de discussões mais amplas e inclusivas sobre essas questões.

Diante desses achados, compreende-se como importante o incentivo a uma utilização mais engajada dos espaços midiáticos, tanto por parte das instituições

quanto dos próprios indivíduos, visando promover um debate mais profundo e inclusivo sobre intolerância e racismo religioso. É importante repensar o papel da mídia na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde a diversidade religiosa seja respeitada e valorizada, contribuindo para o combate à intolerância e ao racismo em todas as suas formas, justificando assim a composição de novos e mais amplos estudos sobre o tema.

Em última análise, destaca-se a necessidade de incentivar grupos sociais a utilizar os espaços midiáticos digitais de forma mais engajada. Além disso, é essencial que se promova o fortalecimento das redes de educação para e com as mídias, com vista a uma formação que prepare os sujeitos a serem mais ativos e autônomos na promoção de conexões e mudanças sociais por meio da comunicação.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: ediPUCRS, 2014.
- BENISTE, José. **Òrun-Àiyé**: o encontro de dois mundos: o sistema de relacionamento nagô-yorubá entre o céu e a Terra. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.
- BERARDI, Franco. **Depois do futuro**. São Paulo: Ubu, 2019.
- BERSANI, Humberto. Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. **Revista Extraprensa**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 175-196, 2018. <https://doi.org/10.11606/extraprensa2018.148025>
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 2012.
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania. **No Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, MDHC reforça canal de denúncias e compromisso com promoção da liberdade religiosa**. Brasília: MDHC, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/janeiro/no-dia-nacional-de-combate-a-intolerancia-religiosa-mdhc-reforca-canal-de-denuncias-e-compromisso-com-promocao-da-liberdade-religiosa>. Acesso em: 1 ago. 2024.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

- COSTA NETO, Antonio Gomes da. Racismo religioso: diálogos de um conceito. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v. 16, n. 7, p. 5.323-5.342, 2023. <https://doi.org/10.55905/revconv.16n.7-009>
- FERNANDES, Nathália Vince Esgalha. Racismo estrutural e religioso contra povos e comunidades tradicionais de terreiro durante a pandemia do COVID-19. **Revista Calundu**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 19-35, 2023. <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v6i2.46422>
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico de mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Em Foco: Educação e Sociedade Midiática**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100011>
- FREITAS, Ricardo Oliveira de. Candomblé e mídia: breve histórico da tecnologia das religiões afro-brasileiras nos e pelos meios de comunicação. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 63-87, 2003. Disponível em: <https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/148>. Acesso em: 2 ago. 2024.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da USP, 2011.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- IBGE. **Censo demográfico 2010: características da população e dos domicílios**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=793>. Acesso em: 27 maio 2025.
- JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela. Os meios em Martín-Barbero: antes e depois das mediações. **MATRIZES**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 115-130, 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p115-130>
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LE MOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2023.
- LE MOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa implicada:** pertencimento, criação de saberes e afirmação. Brasília: Liber Livro, 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, 2016. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2025.

MCQUAIL, Denis. **McQuail's Mass Communication Theory**. London: Sage Publications, 2000.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial:** manual de aplicação. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Administração Pública, 2021.

THOMPSON, John Brookshire. A interação mediada na era digital. **MATRIZES**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 14-44, 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i3p17-44>

VIALLE, Wilton do Lago. **Candomblé de Keto ou Alaketo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.